

A ANÁFORA INDIRETA COMO ESTRATÉGIA DE PROGRESSÃO DISCURSIVA

Kelley Cristine Campos¹
Adriana Antony²

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre o uso da anáfora indireta no processo de referenciação, geralmente constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Para tanto utilizamos como base os pressupostos teóricos de Koch (2004), Marcuschi (2005) e Koch & Marcuschi (1998). Como recurso metodológico usamos a pesquisa bibliográfica de fontes secundárias através de artigos de revisão pesquisados nas principais bases de dados como Scielo e Capes, onde usamos como descritores as expressões Anáfora, Comunicação e Progressão discursiva. A partir de tais estudos podemos entender o quanto é importante se fazer um estudo sobre a identificação e análise de anáforas diretas presentes em um texto do gênero notícia, pois esta contribui diretamente para o melhor entendimento do funcionamento e da relevância da progressão referencial na construção de um texto.

Palavras-chave: anáfora; comunicação; progressão discursiva.

Introdução

A linguagem pode ser construída por meio de diversos recursos. É fundamental pensar na língua como expressão do pensamento, das emoções e da criatividade, ou seja, é uma possibilidade de interação social, manifestação cultural, experiências e comunicação cotidiana.

Nesse sentido apresentamos o estudo da anáfora, que é caracterizada pelo intuito de marcar o que se quer expressar.

Evidenciamos a anáfora indireta, que é um processo de referenciação implícita. Essas anáforas se ancoram em componentes presentes no (con) texto socio cognitivo e semântico determinando uma relação indireta. Um método que proporciona a ampliação da escrita e a comunicação em geral.

¹ Aluna do curso de pós-graduação em Linguística da UNINORTE/LAUREAT.

² Professora MSc. do curso de pós-graduação em Linguística da UNINORTE/LAUREAT.

Linguística textual

A Linguística Textual começou a ser abordada na segunda metade da década de 60, os textos que normalmente eram de cunho gerativista, estruturalista e funcionalista eram entendidos como uma continuidade de unidades lingüísticas, compostas de uma associação pronominal consecutiva. Ao longo dos anos, várias concepções de texto têm contribuído na evolução desta disciplina que surgiu de um aspecto de base gramatical, posteriormente passando por uma abordagem discursivo-pragmática, até se estabelecer, nos dias de hoje, como uma dinâmica socio cognitivista e interacional.

Para Halliday e Hassan (1976) os processos cor referenciais anafóricos e catafóricos eram propósitos limitados. Nessa fase indefinida da Linguística Textual, surgiu a necessidade de desenvolver gramáticas textuais similares as já existentes gramáticas de frase, pelo pressuposto de que existe uma competência textual além da competência lingüística, de base *chomskiana*.

De acordo com a linguista Ingedore Koch um texto precisa ser encarado como uma unidade lingüística superior. Em seu livro *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*; a autora trata dos princípios da construção textual de sentido, processos de coesão e coerência na primeira parte. Na segunda, refere-se aos objetos de estudo da disciplina: formas de articulação textual, estratégias textual-discursiva de construção de sentido; marcas da articulação na progressão; intertextualidade e gêneros do discurso. Até então acreditava-se que cabia à semântica do texto explicar a estrutura dos significados e relações de sentidos, esses pressupostos foram ampliados por Dressler, Charolles e Fillmore, entre outros.

A partir da década de 70 os atos de fala e atividade verbal, precisavam ser estudados sob a óptica do texto como um produto de atividade mais complexa, como instrumento da ação de intenções comunicativas e sociais do falante. Na década de 80 ocorre que o texto passa a ser resultado de operações mentais. Essa inovação incide na percepção do processamento textual como estratégia inseparável dos atributos dos usuários da língua e do conhecimento de mundo e complementar que constituem a construção textual.

Referenciação

Em seguida, no seu livro *Desvendando os Segredos do Texto*, Koch cita Blikstein para definir o conceito de referente sobre o qual ela desenvolverá a noção

de referenciação. Segundo Blikstein a percepção transforma o real em referente, ou seja, a realidade por meio da interpretação humana.

Para Ingedore Koch a referenciação como atividade discursiva (mais tarde trabalhada com Marcuschi, 2005), sustenta que a textualização do mundo é um processo de (re) construção do real. A autora utiliza a sistematização como recurso pedagógico eficiente para exemplificar as funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais, desta forma certifica que os “referentes” são objetos do discurso, produzidos e reproduzidos constantemente na interação verbal.

O discurso é subordinado a uma interpretação que trabalha como uma memória compartilhada, alimentada por ele próprio, desta forma podem ser modificados, desativados, recategorizados. Refletir sobre a definição de realidade pleiteando a relação que existe entre ela, a língua, o pensamento e o conhecimento é uma tarefa subjetiva, complexa e trabalhosa.

Progressão referencial

Outro ponto discutido no livro, sobre referenciação, é a progressão referencial, que pode ocorrer, também, pelo uso de expressões nominais definidas com função anafórica (que é a retomada de elementos ao texto). A autora apresenta rapidamente os princípios e as categorias da referenciação e explora as principais estratégias de progressão referencial.

Os princípios de referenciação são três: ativação (um novo referente é introduzido no texto), reativação (quando um elemento já introduzido no texto é novamente ativado por meio de uma referenciação) e desfocalização (novo referente introduzido e desativa o que estava em foco anteriormente).

Sobre as categorias discursivas dos objetos dos discursos, Koch apresenta as seguintes: uso de pronomes ou elipses (a referenciação se dá por formas gramaticais com a “função pronome” ou por elipses); uso de expressões nominais definidas (a referenciação ocorre por expressões definidas e ainda incluem as descrições definidas e nominalizações); uso de expressões nominais indefinidas (a referenciação se dá pelas expressões ou formas nominais introduzidas por artigo indefinido).

Essas cadeias referenciais, na produção textual, auxiliam no estudo de como as imagens dos referentes são construídas ao longo do discurso. Essas cadeias são de natureza remissiva, pois retornam ao que foi dito para introduzir informações novas e previstas garantindo desta forma a progressão.

Anáfora como progressão

De acordo com as palavras de Koch e Marcuschi (1998), a língua não é como uma etiqueta que podemos colar para reproduzir um objeto do mundo, é uma atividade discursiva em que os referentes passam a ser objetos de discurso e não realidades independentes.

Cavalcante (2005, p. 125) destaca:

[...] é da inter-relação entre língua e práticas sociais que emergem os referentes, ou objetos-de-discursos, por meios dos quais percebemos a realidade que, por sua vez, nos afeta. Os referentes passam a ser, assim, não uma Entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma Instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera.

Estabelecido no tempo e no espaço, a ação de referência pressupõe uma conexão entre a língua e as práticas sociais, abrangendo a atuação colaborativa dos indivíduos da interação que estruturam seus referentes pelo discurso, desta maneira, constroem significados pela interação.

Ao falar de referentes podemos destacar, nesse contexto, uma das estratégias de progressão mais estudadas linguisticamente: a retomada anafórica. A anáfora é o termo usado para nomear uma expressão lingüística que indica a tomada de alguma outra expressão exposta no enunciado ou no contexto.

Essas expressões anafóricas são encarregadas do seguimento referencial. Sobre retomadas, Koch e Marcuschi (1998, p. 179) destacam:

A expressão *retomada* nem sempre designa uma retomada referencial em sentido estrito, mas é apenas uma espécie de remissão que estabelece o contínuo tópico. [...] A noção de anáfora é aqui enriquecida e ampliada e não diz respeito apenas a relações estabelecidas por pronomes, mas por nomes e outras categorias.

Como falado anteriormente ressaltamos nesse trabalho o uso da anáfora indireta, que ocorre quando não existe no co-texto um antecedente explícito, e sim, um elemento de relação que se pode denominar de âncora e que é decisivo para a interpretação. A âncora é decisiva para o sentido dessas anáforas, é como uma ponte entre as informações já passadas e as novas, permitindo aos referentes a ativação dos processos cognitivos inferenciais, isto é, acesso aos conhecimentos armazenados na memória do sujeito.

A anáfora indireta amplia texto, porque recorda e detalha referentes novos, ao mesmo tempo remete aos domínios de referência possibilitando a continuidade do texto, a coerência e a progressão.

A seguir será demonstrado por meio de uma crônica de Fernando Sabino o uso da anáfora indireta:

A quem tiver carro

O **carro (objeto)** começou a ratear. Levei-o ao Pepe, ali na oficina da rua Francisco Otaviano:
 Pepe piscou um olho:
 -Entupimento na **tubulação (anáfora indireta)**. Só pode ser.
 Deixei o carro lá. À tarde fui buscar.
 -Eu não dizia? Defeito na **bomba de gasolina (anáfora indireta)**.
 -Você dizia entupimento na **bomba de gasolina (anáfora indireta)**.
 -Botei um **diafragma (anáfora indireta)** novo, mudei as válvulas.
 Estendeu-me a conta: de meter medo. Mas paguei.
 -O carro não vai me deixar na mão? Tenho de fazer uma viagem.
 -Pode ir sem susto, que agora está o fino.
 -Fui sem susto, a caminho de Itacoatiara. O fino! Nem bem chegara a Tribobó o carro engasgou, tossiu e morreu.
 Sorte a minha: mesmo em frente ao letreiro de “Gastão, eletricista.”
 -Que **diafragma (anáfora indireta)** coisa nenhuma, quem lhe disse isso? [...]
 [...] - O senhor mexeu na **bomba (anáfora indireta)** à toa: é o **dinamo (anáfora indireta)** que está esquentando [...]
 [...] – Pelo jeito é o **carburador (anáfora indireta)**.
 Olhou o interior do carro, deu uma risadinha irônica:
 -É lógico que não pega! O **dinamo (anáfora indireta)** está molhado! [...]
 [...] – **Carburador (anáfora indireta)**? – e o Haroldo não quis saber de conversa. - Isso é o **platinado (anáfora indireta)**, vai por mim.
 Cutucou o **platinado (anáfora indireta)** com um ferrinho. Fui- me embora e o carro continuava se arrastando aos solavancos.
 - O **platinado (anáfora indireta)** está bom- me disse o Lourival, lá da Gávea. – Mas alguém andou mexendo aqui, o **condensador (anáfora indireta)** não funciona. O senhor tem de mudar o **condensador (anáfora indireta)** [...].

Conclusão

O objeto de estudo deste trabalho foi deixar claro a importância da anáfora direta como estratégia de retomada e progressão textual. A anáfora é importante para a coesão e progressão do texto.

Vimos que a Anáfora Indireta se trata de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais, a introdução de novos referentes e a continuação da relação referencial global.

Essas anáforas diferem das anáforas clássicas por se darem de forma indireta, ou seja, ancoradas em condições cognitivas, pragmáticas e se resolverem em

atividades inferenciais de natureza variada e em processos de ativação e não de reativação de referentes.

Sua contribuição é indispensável para a orientação e colaboração em atividades de interação entre os indivíduos.

Referências

BORBA, Valquíria C. Machado. **Resenha de cohesion in English de HALLIDAY e HASAN**. Revista Virtual de estudos da linguagem reVEL. Vol. 4, n.6, março de 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à lingüística textual**. Trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2018

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luis Antonio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. In: D. E. L. T. ^{a.}, Volume 14, N^o especial, 1998